

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redacção principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Proprietário da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.781

Sábado, 13 de Setembro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Centre, 38-A, 2.º e 3.º Andares — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-G

Officina de Impressão — Rua de Atalaia, 114 e 116

Perante a indiferença dos
republicanos, a reacção vai
pouco a pouco apoderan-
do-se do país

Tirando a máscara

Logo após a proclamação da República, o governo provisório decretei o direito à greve. E em seguida elaborasse depois um regulamento que em grande parte prejudicava o exercício desse direito, a verdade é que ele ficou, pelo menos, consignado em princípio.

Desde esse dia, pois, a greve não pode ser em linguagem oficial considerada como um delito, nem perseguido os que para ela se coligaram, desde que se tenham cumprido as formalidades legais. E sendo um direito para nacionais e estrangeiros, pois estes não participam dos direitos dos nacionais quando na lei foram designados expressamente.

Contendo com esta doutrina, que é a única com valor jurídico, apareceu nos jornais, a greve dos criados de meza, esta informação: que a greve estava a ser dirigida por elementos estrangeiros e que o governo iria colocar na fronteira todos os grevistas que sejam estrangeiros. Ou sugestão dos patrões, ou resolução do governo, a verdade é que isso foi publicado sem o mais pequeno reparo da consciência republicana.

Actuando, pois, isso perfeitamente natural. A greve continua a ser para esta gente um crime e crime gravíssimo contra a pátria, se é cometido por estrangeiros.

Ora, desde que a lei permite a coligação para a paralisação do trabalho, e não distingue entre nacionais e estrangeiros, reconhece implicitamente todos os actos para se levar a efeito a mesma coligação, desde os entendimentos entre os grevistas até à organização da própria greve. A que vem, pois, a estúpida insinuação de que esta greve está a ser manobrada por estrangeiros. O seu almas do diabo, pois não sabe toda a gente que entre os criados de cafés e restaurantes, predomina a colónia galiza? Desde que todos podem fazer greve, não havendo nenhuma lei que o proíba, como se explica tanta preocupação por se tratar de estrangeiros.

Teria sido o sr. Rodrigues Gaspar o receio de que os criados de meza, com a sua greve estivessem aqui conspirando contra Primo de Rivera e queria pôr-se assim a coberto de quaisquer complicações diplomáticas? Ou receia apenas uma revolução bolchevista que esta greve inflaria, expulsando os espanhóis grevistas como temíveis revolucionários? Nesse caso em que situação ficaria o governo português perante a Espanha expulsando simples grevistas quando ainda há pouco o governo presidido pelo sr. Alvaro de Castro reclamou, contra a prisão de operários portugueses acusados dum complot comunista?

E tanta desorientação que estas coisas podem escrever-se sem nenhum reparo e são tomadas a sério pelos republicanos dos vários partidos. No fundo não são senão odiosos burgueses, a quem esta máscara democrática com que têm andado a fingir de amigos do povo. Eles não são senão au-

tênticos conservadores, procuram manter a sociedade capitalista e odiando os operários que perturbam a ordem burguesa, a única que eles admitem. O seu republicanismo, a sua democracia, o seu humanitarismo não passam de puras ficções sem nenhuma espécie de realidade. De verdadeiro há apenas um sórdido egoísmo, o interesse de cada um colocado acima de tudo.

Sempre assim foi. Mas enquanto antes se procuravam salvar as aparências e os republicanos afirmavam as suas simpatias pelo operariado, lamentando apenas que este lhes não desse votos, para que a república viesse a dar inteira satisfação às reivindicações operárias, agora deixam cair a máscara e declaram abertamente a sua hostilidade às classes trabalhadoras, que consideram suas naturais inimigas. E' assim que se têm feito as perseguições aos militantes operários e se tornou possível a intervenção sangüinária da polícia e da guarda republicana, espingando o povo trabalhador o indo mesmo mais longe; fustigando presos sem defesa, verdadeiros assassinos, contra quem os republicanos não protestaram e muito menos moveram os respectivos processos para o apuramento das responsabilidades criminais.

Calu-lhos a máscara, ou antes tiraram-na deles, considerando já desnecessária a dissimulação. Ainda bem, ficamos entendidos e sabemos com que podemos contar.

Se soubessem...

Se os leitores soubessem... Se os leitores soubessem o que a greve está a ser manobrada por estrangeiros. O seu almas do diabo, pois não sabe toda a gente que entre os criados de cafés e restaurantes, predomina a colónia galiza? Desde que todos podem fazer greve, não havendo nenhuma lei que o proíba, como se explica tanta preocupação por se tratar de estrangeiros.

Se os leitores soubessem que interesses escabrosos o Banco Nacional Ultramarino criou em Angola e porque motivo o seu director João Ulrich foi, no acto de posse do Alto Comissário, fazer aquele discurso... suave... Se os leitores soubessem como a suspetissima Sociedade Torlades, que tem sede em Paris e dirigidos portugueses, se encontra numa maneira estranha ligada ao sr. Régio Chaves, Alto Comissário em Angola... Se os leitores soubessem as dores de cabeça que estes pequenos «sueltos» têm provocado ao sr. Régio Chaves que já compreendeu que tem, como homem público, os seus dias contados... Sabê-lo-hão os leitores. O escândalo não tarda. Os últimos informes estão prestes a chegar às nossas mãos. Depois, depois... se soubessem... Sabê-lo-hão!

Aos amigos de "A Batalha"

que tenham listas em seu poder, recomendadas para abreviarem a entrega das importâncias respectivas a fim de habilitarem a nossa administração a satisfazer os encargos provenientes da aquisição do novo material tipográfico para a remodelação gráfica de A Batalha.

OS JESUITAS EM PORTUGAL

A perigosa invasão do exército negro

Enquanto eles fantasiavam nós dizemos a verdade — Um cerco que se aperta em torno das instituições — A mulher, joguete dócil da padralhada — A Ciência nas Universidades substituída pelo Evangelho — Como se catequisou um chefe de Estado — O film do Congresso Eucarístico — Um padre amante duma menor — O ensino religioso nas escolas As «irmasinhas» na provincia

O jornal A Epoca prossegue na sua especulação jesuítica assustando os seus leitores com o celebre perigo vermelho que não passa dum belo tema para criar no público uma curiosidade que nunca chega a satisfazer — porque não pode...

Para aterrorizar os seus leitores já predispostos a engolir todas as pilulas, que o órgão lhes impinge publicaram ontem uma lista de bombas que desde Janeiro tem explodido. Simplesmente esqueceram-se de provar que esses explosivos tivessem partido de sindicalistas ou anarquistas. Esqueceram-se de dizer que muitas dessas bombas foram arremessadas pela própria policia, no intuito de comprometer elementos avançados, como sucedeu com aquela bomba lançada no dia 28 de Maio, num urinal da Avenida. Esqueceram-se de mencionar a horrível caçada dos Olivais e as descargas feitas pela guarda republicana, em Silves, contra crianças indefesas, filhas de humildes trabalhadores.

Mas não precisamos com a ruína de delinquentes. Deixemos o jornal do sr. Fernando Sousa alamar os seus leitores com a existência de ferroviários que em Terra e Libertad — porque talvez surja outro 8 de Outubro em que seja necessário que ferroviários que leem jornais subversivos tenham novamente a perigosa e vermelha missão de salvar a vida ao director da Epoca.

E nas ocasiões de perigo que os bolchevistas mostram os seus ligados de penitência — salvando a vida aos seus próprios adversários. A gratidão dos católicos, dos jesuitas, manifesta-se pelo University de Coimbra nos dava que, não há muito tempo que um facto escandaloso poz a né, o resultado do assalto discreto, mas seguro; que os jesuitas disfarçados em professores fizeram a Universidade de Coimbra. Foi — devem estar lembrados — o caso de na Faculdade de Medicina, em Coimbra, um aluno apresentar para prova de doutoramento uma tese científica de fustigando os milagres de Lourdes. Pois, houve professores que, intitulando-se homens de ciência, aprovaram e aplaudiram o atrevido menino, premiando com uma distinção esse atentado revoltante contra o espírito científico.

Imagine-se que esplendido médico a Universidade de Coimbra nos dava que, não há muito tempo que um facto escandaloso poz a né, o resultado do assalto discreto, mas seguro; que os jesuitas disfarçados em professores fizeram a Universidade de Coimbra. Foi — devem estar lembrados — o caso de na Faculdade de Medicina, em Coimbra, um aluno apresentar para prova de doutoramento uma tese científica de fustigando os milagres de Lourdes. Pois, houve professores que, intitulando-se homens de ciência, aprovaram e aplaudiram o atrevido menino, premiando com uma distinção esse atentado revoltante contra o espírito científico.

Uma coisa compensa bem a outra, não há dúvida e as nossas classes proletárias, têm assim uma bela e feliz ocasião de opor o mais formal desmentido a aqueles que as consideram como causadoras principais das constantes perturbações da ordem pública em que há muito andamos envolvidos; porque os que mais contribuem para a desordem são aqueles que teimam em excitar as massas populares com quadros sangrentos como o da última tourada de beneficência, tão inabilmente disfarçada com o manto radioso da caridade.

E' preciso que não convencemos de que o bem não pode ser uma coisa meramente subjectiva, interpretada ao sabor de cada um, e que praticar o mal com a desculpa de que é para fazer o bem, é um sofisma tão pernicioso como aquele de que nos fala o nosso immoral feticuloso quando diz que nós pretendemos desculpar-nos perante a Europa civilizada da conservação deste espectáculo das eras bárbaras com os ournes e pompas da arte moderna.

Nada, porém, é capaz de disfarçar a sua essência grosseira e desmoralizadora, e motivo algum há para que possa ser invocado para a sua exibição se não na satisfação dos instintos perversos que uma herança desgraçada transmitiu e que em falta de vontade devidamente educada têm sido impotente para dominar.

dois áqueles a quem devem a maior riqueza — a vida.

E' indubitável que os jesuitas, os reacionários vêm trabalhando há muito, na sombra, por apropriar-se do país. Pretendem, sempre de rósio oculto, influir em toda a vida da nação. Quem tenha observado a politica nestes últimos anos, deve ter reparado numa série de factos que denunciam o avanço, que os reacionários têm obtido. Em torno da república fez a reacção um verdadeiro, um autêntico cerco que lentamente se vai apertando, ameaçando dum momento para o outro esmagar todas as liberdades. O espírito religioso, pior, o fanatismo religioso vai avassalando nas escolas superiores, em Coimbra principalmente, alunos e professores. A propaganda católica faz-se sistemática e constantemente. As catedras vão sendo invadidas por reacionários autênticos que trocam a Ciência, pelo Evangelho.

Não há muito tempo que um facto escandaloso poz a né, o resultado do assalto discreto, mas seguro; que os jesuitas disfarçados em professores fizeram a Universidade de Coimbra. Foi — devem estar lembrados — o caso de na Faculdade de Medicina, em Coimbra, um aluno apresentar para prova de doutoramento uma tese científica de fustigando os milagres de Lourdes. Pois, houve professores que, intitulando-se homens de ciência, aprovaram e aplaudiram o atrevido menino, premiando com uma distinção esse atentado revoltante contra o espírito científico.

Imagine-se que esplendido médico a Universidade de Coimbra nos dava que, não há muito tempo que um facto escandaloso poz a né, o resultado do assalto discreto, mas seguro; que os jesuitas disfarçados em professores fizeram a Universidade de Coimbra. Foi — devem estar lembrados — o caso de na Faculdade de Medicina, em Coimbra, um aluno apresentar para prova de doutoramento uma tese científica de fustigando os milagres de Lourdes. Pois, houve professores que, intitulando-se homens de ciência, aprovaram e aplaudiram o atrevido menino, premiando com uma distinção esse atentado revoltante contra o espírito científico.

A barbaridade das touradas

Encarregado pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas de o representante na sessão de propaganda contra as touradas que a U. S. O. ultimamente realizou na sua sede social, e não me podendo desempenhar dessa missão, como tanto desejava, por motivo de força maior, não posso deixar de vir por este meio, não só lavar o meu mais veemente protesto contra a selvageria que se pretende avivar agora com mais intensidade, como também felicitar o meu mais entusiástico aplauso à acção sanadora que a U. S. O. está a tomar neste momento.

A par do triste sintoma de decadência moral e de ignorância pelos processos educativos que estão mostrando os aficionados do imoral espectáculo, onde se goza fazendo sofrer animais que nos são tão úteis, é superiormente consolador, ver como as classes trabalhadoras, o elemento basilar da sociedade futura, compreendendo neste momento doloroso o caminho que a sua dignidade lhe impõe, estão colaborando ao lado dos educadores portugueses na obra de resurgimento moral em que estão empenhados!

Uma coisa compensa bem a outra, não há dúvida e as nossas classes proletárias, têm assim uma bela e feliz ocasião de opor o mais formal desmentido a aqueles que as consideram como causadoras principais das constantes perturbações da ordem pública em que há muito andamos envolvidos; porque os que mais contribuem para a desordem são aqueles que teimam em excitar as massas populares com quadros sangrentos como o da última tourada de beneficência, tão inabilmente disfarçada com o manto radioso da caridade.

E' preciso que não convencemos de que o bem não pode ser uma coisa meramente subjectiva, interpretada ao sabor de cada um, e que praticar o mal com a desculpa de que é para fazer o bem, é um sofisma tão pernicioso como aquele de que nos fala o nosso immoral feticuloso quando diz que nós pretendemos desculpar-nos perante a Europa civilizada da conservação deste espectáculo das eras bárbaras com os ournes e pompas da arte moderna.

Nada, porém, é capaz de disfarçar a sua essência grosseira e desmoralizadora, e motivo algum há para que possa ser invocado para a sua exibição se não na satisfação dos instintos perversos que uma herança desgraçada transmitiu e que em falta de vontade devidamente educada têm sido impotente para dominar.

O protesto dos fragateiros

Foi ontem pôsto em liberdade o presidente, deliberando a classe retomar hoje o trabalho

Já foi ontem pôsto em liberdade o presidente da Associação dos Fragateiros, António Dias Tavares.

Quando um numeroso grupo de fragateiros se dirigia para a capitania do porto a fim de aguardar ali a sua saída, já o encontraram a caminho do Sindicato acompanhado de vários camaradas.

Logo que entrou na sala, que se encontrava apinhada de associados, produziu-se uma grande manifestação de simpatia.

Em seguida efectuou-se uma sessão, usando da palavra António Dias Tavares que expoz a maneira captivante como foi tratado no Livreiro pelos pretos por questões sociais, junto dos quais esteve durante os três dias de prisão. A assembleia irrompeu em entusiásticas vivas aos presos por questões sociais e à solidariedade operária.

Silencio também o facto, digno de registar, das restantes classes marítimas terem prestado o seu apoio ao protesto dos fragateiros, nobre attitude que não deve olvidar-se.

Outros oradores também se referiram ao gesto dos trabalhadores marítimos que acompanharam a classe dos fragateiros no seu protesto, demonstrando todos a sua congratulação por tal facto.

Depois a assembleia resolveu que o pessoal dos rebocadores e gazolinas fizesse o trabalho imediatamente, e no respeitante aos fragateiros, em virtude de existir um officio dos proprietários de fragatas, já há tempos, em que manifestavam não admitir a pessoal por este haver feito determinadas reclamações de natureza moral, foi deliberado que uma comissão entrevistasse o presidente da Associação dos Proprietários de Fragatas, sr. Emílio Gonçalves.

A sessão esteve suspensa e logo que a comissão chegou foi reaberta. Essa comissão teve conta dos seus trabalhos, tomando a assembleia conhecimento de que aquele sr. nada pôde fazer, pois havia sido uma deliberação de todos os proprietários.

Em face disto a assembleia resolveu retomar hoje o trabalho e se proprietários houvessem que não admitiam a pessoal, este abandonaria as fragatas delirando depois a classe em definitivo.

A classe teve conhecimento de que a C. U. F. admite imediatamente todo o pessoal das suas fragatas.

A assembleia terminou no meio de grande entusiasmo.

Trabalhadores: Contribui com o escudo!

A revolução de ontem

As ordens falsas do ministério da Guerra — A prisão dos revoltosos

A revolução da madrugada de ontem que ficou em nada, parece que já era do conhecimento da policia.

Transcrevemos do nosso colega Diário de Lisboa o relato do episodio mais importante dessa revolta que falhou:

«Ora... aconteceu que, em meio da barafunda natural de ordens e contra-ordens — são sempre assim os grandes momentos — a policia e a guarda republicana começaram a receber intimações do ministério da Guerra afirmava e o do interior contrariava.

Determinações erradas, confusão nos serviços! O comandante da policia, certa altura, deu em suspender de facto a policia e a guarda republicana. Mandou gente para aqui! Mandou gente para acolá!

«Donde fala?»
«Do ministério da Guerra! Proceda com rapidez em nome da República!»
«Da Guerra! Mas eu, agora, sou do interior? — congeminou o funcionário.

E para se tirar de dúvidas, telefonou para o interior.
«Tudo ao contrário. Onde a Guerra dá «avances», diz o interior — arreves; onde este diz «avance», diz o outro — «pares».

Parou. E o dr. sr. Barbosa Viana, que andava até ao Terreiro do Paço, a saber o que aquilo era.
«Dirigiu-se ao ministério da Guerra. Primeiro portão. Aberto, mas com sentinela trocada. Em vez do soldado de infantaria 16, que lá devia estar, perfilava-se na portada um soldado de marinha.

O director da Policia de Segurança entrou com os seus homens, que poucos eram.
Segundo portão. Fechado. Por uma fresta, lobrigava-se luz lá dentro, o fim do corredor, e a policia entrou.

Bateu! Outro «marinheiro» acendeu a chamada e houve a intimação da policia mas com um «traz» dos que a policia costuma improvisar.

«Abra! Somos republicanos! A revolução está triunfante, hein?»
O portão abriu-se e a policia entrou, desta feita às apalpadelas, porque uma treva súbita de cautela havia invadido os corredores. Algum mais piedoso ou medroso, cortara os fios da iluminação.

«Somos republicanos! Está triunfante a revolução! — lá sempre gritando, no escuro, o sr. dr. Barbosa Viana, a fingir que isso lhe dava uma alegria muito grande.

Trabalhadores: Contribui com o escudo!

fanatismo religioso invulgar e cego. Decerto a influência dessa pessoa levou o velho caudilho da república a escrever epistolas humildes e vergonhosas ao cardeal patriarca. Decerto essa influência fez desviar do seu curso a república anticlerical, com a imposição pelo presidente da república do barrete cardinalício a Mgr. Locatelli.

Este acto oficial que significa um comêço de cunho da Igreja e do Estado, foi obtido através dum trabalho metódico e paciente, dirigido do sombra, sobre as pessoas que rodeavam o dr. António José de Almeida.

E quantos crimes essa propaganda rastreira, de reptil asqueroso, tem custado? Quantos crimes na sombra? Quantos lares despedaçados pela desconfiança fomentada pelos jesuitas? Quantas mulheres têm abandonado os maridos, os filhos, os carinhos da família, desviadas pela influência perniciosa dos padres?

Esses fanáticos que constantemente pregam ao povo o respeito pela lei de Deus e pela lei dos homens, são os primeiros a traír as leis que os regem. Vivem os padres, que deviam guardar castidade, antecobrados pela provincia, produzindo escândalos vergonhosos. Ainda há poucos dias o nosso correspondente do Porto contava da dor de um pobre sacristão, pai duma linda rapariga de 18 anos, que um padre seduziu. Factos desta natureza repetem-se, são as dezenas, a despeito das regras religiosas proibirem tais abusos. E são estes homens, com esta moral, com estes actos repugnantes a pensar-lhes nas condições, que se permitem reivindicar a república.

Para si o direito de introduzir nas escolas a moral religiosa

A campanha a favor do ensino religioso nas escolas, com republicanos a apoiá-la impudicamente, não é também uma demonstração, uma prova do avanço que o jesuitismo vai tendo no país?

O congresso eucarístico, preparado com habilidade, como quem prepara um film, é um resultado da invasão lenta e subtil dos jesuitas em Portugal, que novamente colocaram — na provincia principalmente — as religiosas nos hospitais, mais por intuito politico do que por espírito de caridade.

A invasão tem sido mais importante do que muita gente julga. As leis de expulsão e de separação da Igreja do Estado têm sido rasgadas em mil bocados, ante a indiferença cúmplice dos republicanos que não permitem a propaganda dos avançados que se faz à luz do dia a de rosto descoberto. As congregações religiosas estão resurgindo duma maneira intensa e ameaçadora. E sobre essa ressurção tem A Batalha dados precisos, desconhecidos do publico, que a seu tempo virão à luz do dia.

A Batalha com todos estes factos bem visíveis, bem patentes, bem escandalosos podia como A Epoca tecer um romance, uma fantasia com que se intitularia o «perigo negro». Porém, um abismo separa os processos jornalísticos dos dois órgãos, o operário e o católico. A Batalha diz a verdade nua e dura — A Epoca, fiel ao espírito jesuítico, faz insinuações torpes e fantasiosas que não conseguem despertar no publico senão um sorriso incredulo ou um gesto de repugnância.

E o caso é que... os de dentro o acreditaram...

Abriu-se outra porta. Os recém-vindos penetraram numa sala iluminada; os revolucionários, civis e militares, saíram todos em correria para ouvir a confirmação da boa nova, um marinheiro entusiasmou-se e foi, a gritar sempre, a dar vivas aos vencedores, chamar ao leilão, onde se instalara — talvez com fins estratégicos — o sr. dr. Bossa da Veiga.

«Vencemos! Viva a República! Está a revolução triunfante!»

O dr. sr. Bossa da Veiga creditou também e desceu do seu posto de observação, e quando supunha que ia saber pormenores do tão fácil e tão rápido triunfo, encontrou-se, frente a frente, com o director da P. S. E.

Os dois homens, que eram amigos pessoais olharam-se com surpresa e trataram-se por senhoria:

«O sr. está preso!»
«Quem me prende?»
«O dr. director da Policia de Segurança do Estado!»
«Sou militar! não me entrego a um civil!»

«Resistir será agravar uma situação já de si perigosa...»

«Pois... não me rendo! Só a um officio de patente consentiria que me prendesse.»

O sr. dr. Barbosa Viana repetiu a intimação, fazendo-a acompanhar de um gesto que é habitual em todos os espiões a quem só resta a violência para execução dos seus desígnios.

O officio seguiu o braço a desprendê-lo, num repe de bruscos; os nervos de ambos tenderam-se; enroscaram-se-lhe os olhos; e... um marinheiro apontou a carabina a cabeça do intruso: «Largue!»

«Não largue! Esta preso!»

Um policia, dos acompanhantes do director da P. S. E., apontou, por seu turno, a pistola a cabeça do marinheiro. E iam disparar ambos, quando um tropel inesperado salvou duas vidas.

As armas, on por virtude da surpresa, ou por efeito de circunstâncias de outra ordem, que não há tempo, agora, para discutir, caíram ao mesmo tempo das mãos dos personagens daquella duella trágica; a guarda republicana entrou, o dr. sr. Bossa da Veiga deixou-se prender; e os outros também e... estava grande.

Grande Passeio Fluvial
no rio Tejo por Lagos no Porto Branco
— EM —
FAVORDE
A BATALHA
E
Os bilhetes serão postos à venda na próxima semana

CAPÍTULO III

TRES DIAS DE SUPPLICIO

A aldeia de Ryona, situada nas margens do pequeno rio da Vigena, está situado a três dias de jornada de Chalons.

Em roda desta aldeia estão acampadas parte das tropas de Clotário II, filho de Fredegonda. A baraca deste rei foi levantada debaixo de umas árvores plantadas no centro da aldeia. Acaba de nascer o sol; vê-se não longe deste real abrigo um casebre um pouco maior e menos arruinado do que os outros; a porta fechada está guardada por guerreiros francos: uma única janela pequena dá claridade para o interior daquela habitação; de vez em quando um dos guerreiros, postados à porta, escuta ou espreita pela janela; um cofre carunchoso, dois ou três escabeles, alguns utensílios domésticos, uma espécie de caixa cheia de urzes, tal é a mobília daquele casebre; na cama de urzes estão três crianças vestidas com fatos de seda bordados de ouro ou prata; quem são aquelas crianças tão ricamente vestidas e deitadas naquela cama tão miserável como se fossem filhos de escravos no grato? São os filhos de Thierry, defuncto rei da Borgonha, são os bisnetos de Brunehaut; estas crianças dormem abraçadas. Sigeberto, o mais velho, está deitado no meio de seus dois irmãos; a cabeça de Meroveu, o mais novo, está recostada no peito daquele; Corbo, o segundo, tem um braço enlaçado no pescoço de Sigeberto. As feições dos jovens príncipes, sepultados num sono profundo, estão quasi escondidas pelos seus compridos cabelos, símbolo da raça real, mostram estar socoados e quasi que sorridentes; o meio semblante do mais velho tem uma expressão de serenidade angelical. O sol levantando-se cada vez mais no horizonte, dardejando em breve os seus raios abrasadores no grupo das crianças adormecidas. Sigeberto, sendo o primeiro a acordar com aquela viva luz, passou as mãos alvas e rosadas pelos olhos

quasi fechados, abriu-os, olhou em torno de si com ar admirado, sentou-se na cama, depois, lembrando-se da triste realidade, tornou a deitar-se; as lagrimas lhe inundaram o pallido rosto e levou as mãos aos lábios para comprimir os soluços convulsivos; a pobre criança recejava acordar seus irmãos, que continuavam a dormir, e, apesar do movimento de Sigeberto, que ao levantar-se tinha arredado um pouco a cabeça de Meroveu, este não despertou do seu sono profundo. Corbo, porém, meio acordado pelos raios do sol, esfregou os olhos e murmurou:

— Chrotechida, quero o meu leite e os meus bolos...; tenho fome...

— Corbo, disse Sigeberto com o rosto banhado em pranto e com os lábios ainda frementes, meu irmão, acorda de todo... Ah! nós já não estamos no nosso palácio de Chalons...

Corbo, tendo acordado de todo a estas palavras de seu irmão, respondeu com um suspiro:

— É verdade...; julgava estar ainda no nosso palácio...

— Já lá não estamos, meu irmão...; por nossa desgraça...

— Porque dizes tu: por nossa desgraça? não somos nós filhos de rei?

— Pobres filhos de rei...; porque estamos presos; e nossa avó onde está? e nosso irmão Childeberto, onde estará também?... Talvez estejam ambos prisioneiros.

— E quem tem culpa disso? O exército que traía nossa avó, exclamou Corbo encolerizado. As tropas fugiram sem combater. O duque Warnachário... esse infame, tinha preparado a traição!

— Mais baixo, Corbo...; mais baixo, replicou Sigeberto com voz abafada, podes acordar Meroveu... Pobre criança! desejava dormir como ele; não estaria agora a pensar.

— Tu estás sempre a chorar, Sigeberto...

— Acaso não estamos nós nas mãos do inimigo da nossa avó?

— Nada temas, ela virá livrar-nos com outro exército e matará Clotário... E tu não tens fome?

— Não! Oh! não!

— O sol nasceu há muito; vão provavelmente trazer-nos de comer. Ah! bem dizia nossa avó: a guerra é má, mesmo quando não há perigo de ficar prisioneiro... Como Meroveu dorme; acorda-o.

— Oh! meu irmão, deixemo-lo dormir; talvez que ele se julgue, como tu indagara, no nosso palácio de Chalons.

— Tanto pior! E nós não estamos também acordados? Não quero que ele durma mais...

— Corbo...; o que tu estás dizendo não é de quem tem bom coração.

— Sigeberto! Sigeberto! abriu a porta...; vêm trazer-nos de comer.

A porta abriu-se com efeito e entraram quatro indivíduos naquella casebre; dois vinham vestidos com fatos de peles de animais; e um trazia na mão um molho de cordas. Clotário II e Warnachário, acompanhados aqueles dois homens; o duque trazia a sua armadura de batalha; o rei um comprido vestido de seda de cor clara, debruado de peles.

— O senhor rei, disse-lhe a meia voz o duque Warnachário, decididamente não quero esperar a volta do condestavel Herpon?...

— Quem sabe se ele ainda voltará hoje?

— Lembra-se que tem cavalos folgados e que os de Brunehaut estão extenuados de fadiga. É impossível que ele não tenha alcançado a rainha ao pé dos montes do Jera, que ela de certo se não terá aventurado a atravessar. O condestavel pode chegar de um momento para o outro.

— Warnachário, tenho pressa de acabar com isto; este golpe deve ser pouco sensível para Brunehaut, e então de que serve esperá-la? Isto deve ser feito quanto antes... Vamos...

E o jovem rei, tendo feito sinal aos dois homens, eles se aproximaram das crianças. O sono da tenra idade é tão profundo, que o pequeno Meroveu de

quasi Sigeberto colocara devagarinho a cabeça nas urzes, continuava a dormir. Os seus dois irmãos, perplexos e assustados, sobretudo pelo rosto sinistro dos dois homens, que trajavam casacas de pele de fera, recuaram até a extremidade da cama, ali se estreitaram um com o outro, trémulos e sem dizerem palavra. A um sinal de Clotário II, um dos homens aquele que trazia consigo um embanho de cordas, descolou-o e adiantou-se para os jovens príncipes, enquanto o seu companheiro tirava do cinto um larga faca, comprida, direita e aguda como a de um esfolador; correu levemente com o dedo o fio da folha amolada de fresco, em quanto o filho de Fredegonda lhe dizia:

— E sobretudo, avia-te.

O carrasco respondeu ao rei com um sinal, que parecia significar:

— Descanse, senhor, não serei muito demorado.

O outro homem tinha-se aproximado das duas crianças lívidas e mídas de terror, tremendo tanto que os dentes lhe batiam uns nos outros; o algos assentou em cada um deles a sua larga mão e disse sem voltar a cabeça:

— Rei...; por qual deles hei de começar?... Pelo maior, pelo mais pequeno, ou pelo que dorme?

— Começa pelo mais velho, disse Clotário II com voz surda e breve, aviemos, aviemos...

As duas crianças fugiram para o canto da parede onde estava encostado o grato, e estreitaram-se nos braços uma da outra.

— Perdão! gritava Sigeberto com voz lastimosa e comprimida, perdão para meu irmão! perdão para mim!

— Nós somos filhos de rei! gritava Corbo com mais cólera do que terror. Se nos fazem mal, minha avó manda-os matar a todos!...

Neste momento o pequeno Meroveu, finalmente desperto pelo ruído, assentou-se na cama e olhou em redor de si com surpresa, mas sem terror... Esta creança de seis anos não podia compreender do que

SECÇÃO DE LIVRARIA

DE

"A BATALHA"

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colónias e estrangeiro, mediante remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes: Continente—Encomendas postais até 5 quilos 500, pacotes até 2 quilos: \$15 cada 50 grammas, e mais \$40 para registado em cada pacote. Ilhas—Encomendas postais, 6 quilos 600. Brasil e Países da União Postal—Pacotes até 2 quilos: \$50. América do Norte—Pacotes até 5 quilos, 650.

Publicações sociológicas

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Organização Social...
A Comunidade...
A Condição Social...
A Condição Social...
A Condição Social...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...

Henrique Leão...
O Estado...
O Estado...
O Estado...